

Raphaela Miquelete

# Pelos séculos dos dias iguais

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2023

NÃO CHEGARAM FUGINDO DE FOME OU SECA, nem de bandido ou polícia. Não vieram em pisada de mina, nem por cabresto de coronel nenhum, nem atrás de serviço melhor ou qualquer outra esperança. Vieram fugindo da dor. Vieram pra escapar do desespero, pra enganar a morte que já lhes tinha levado dois filhos nascidos, um que nem respirou, outro que nem caiu o umbigo e um no ventre, que depois se viu eram, na verdade, dois.

A tapera dava desgosto, a mãe sempre contou assim, o telhado caído de um lado, sem viga, uma parte da parede destruída, só o chão era bem batido e sem valas. Mas ela não lembrava desse tempo. Era, então, um pedaço de carne que dormia, chorava e mamava nos peitos murchos e minguados da mãe. Desde que tomou ciência do mundo, via a casa bem aprumada, as paredes de adobe que o pai fazia questão de cair todo ano com cal, branquinhas; o piso de cimento encerado de vermelho; as janelas de raras frestas, com tramela firme e na porta única, na cozinha, um ferrolho que não rangia, o pai azeitava sempre. Não conhecia outra coisa, por isso, aquilo lhe parecia muito bom. Talvez fosse pelo jarrinho de vidro esverdeado com um raminho de flor, de plástico, e gotas de sereno feitas de cola que a mãe deixava sobre a canastra, ou o caminho de crochê de linha fina, muito delicado, que a forrava. Talvez fosse porque dava alegria, ou qualquer outro talvez, muitos outros; não perdia tempo pensando nisso, aliás, nunca nem considerava. Vivia ali e era o bastante.

Quando chegaram ao lugar, era de colo ainda. O primeiro chão que conheceu foi aquele, chão de terra batida, só depois de uns poucos anos que o pai cimentou lisinho, de modo que engatinhou e pisou antes na terra, primeiro de tudo foi a terra, sem nenhum anteparo, sem nada entre elas, era pele e terra. Não sabe bem se por isso, ou por qualquer outro mistério, tinham uma relação muito íntima. Ter os pés descalçados na terra era ter tudo perfeitamente claro e ordenado. Foi assim, é assim. Seria assim por toda vida.

Contam que, pouco antes dela nascer, tia Docinha, que na ocasião ainda era Dulce, foi para ajudar a mãe. Vó Duília já não podia acudir a filha, estava abobalhada depois de um mal súbito. Foi a primeira vez que ela voltou desde o casamento do sobrinho. Chegou despachada, arejando a casa, quarando roupa, ariando panela. Não tinha mão pra cozinhar, só fazia um café ralo, uma canja razoável e um escaldado que levantava qualquer arriado. A mãe, morta de medo da sombra da morte, não tinha coragem de pôr o pé no chão. O pai, perdido na angústia, não falava palavra. Umaz vizinhas antigas ajudavam no que podiam, uma lavava a roupa junto com sua própria trouxa; outra levava o que tivesse no fogão, fosse pão ou pirão; havia quem cuidasse da criação, jogasse farelo para as galinhas, recolhesse os ovos, tratasse do porco com lavagem.

Dulce chegou cheia de energia naquela casa paralisada, à expectativa do fatídico ou para a glória do improvável. O pai, no primeiro instante, atônito, no seguinte, assustado e, no fim, confortado. A mãe, à primeira vista invadida, em seguida, insultada, para acabar encantada. Enfim, tudo parecia estar em equilíbrio na hora da apreensão, mais intensa ali, a hora de alumbrar. Sempre gostou de ouvir sobre seu nascimento,

naquela noite avistaram fogo fátuo no brejo, estrela cadente riscando o céu e há quem jurasse ter ouvido o assobio do curupira no matagal pro lado da Serra do Curió. Pelo sim, pelo não, então. A mãe fala que chegou de olhos abertos, observadora do mundo; o pai sempre lembra que era noite de lua passada de cheia, iniciando a minguar; tia Docinha conta, divertida, que esperou estar embrulhada para chorar, segundo ela, não queria mais ficar apertada, chorou por espaço.

Era miúda e pouco exigente, qualquer cuidado servia, qualquer tanto de leite a aquietava. Nos primeiros dias, até que lhe caísse o umbigo, ficava muito acordada, olhos espartos, como se quisesse apreender um mundo que só ela via, só pra ela existia. A mãe quase enlouqueceu, não fosse tia Dulce acudir, tinha sufocado a menina de tanto querer guardar. O pai tinha medo de tocar e quebrar o encanto, tremia só de pensar na possibilidade. Muito por isso, nos primeiros dias, ficou aos cuidados da tia avó, não conhecia colo de pai, e de mãe só no mamar. A casa toda fechada, nada de sol ou vento, nada de visita, nada de euforias e comemorações. A alegria, temerosa e angustiada, mais se fazia quando virava outro dia e, aos poucos, o mal se distanciava. Não se sabe se teve amarelão, por precaução, Dulce a banhava com chá de picão e, com sete dias, caído o umbigo, deixava que tomasse o sol das primeiras horas da manhã, mas só através da cortina improvisada com um pedaço de linho branco. Tia Docinha sabia muitas coisas da vida, a mãe se assombrava, o pai admirava e o tempo passava aos pulos, entre o medo inominável e o alívio a conta-gotas.

As vizinhas, comovidas com a criança que vingara, redobram os cuidados na expectativa de vê-la em breve, passaram a rezar o terço perto da janela da mãe, que as acompanhava

sem chegar o nariz pra fora, agradecida e apavorada quase na mesma medida. Sempre que falavam dessa época, uma sombra pesava sobre eles, como se falar fosse reviver, como se tudo pudesse ser revirado. Só com Dulce isso não acontecia, ela falava com nostalgia e serenidade da época em que seu mundo voltou a ter sentido e propósito, quando a menina chegou e ficou.

Uns dias antes de acabar o resguardo, o pai foi atrás de seu Tiago, o benzedor, para contar do nascimento da menina que até ali seguia sem nome, era só “a menina”. Claro que ele já sabia, esperava pelo pai, fez festa e o acolheu com franca satisfação, quem nasceu não foi uma menina, foi uma luz no mundo e o velho agradecia ao pai por isso. O pai avermelhou logo os olhos e toda aquela apreensão represada, todo o pavor e o desnor-teio, correram num choro de alívio no colo de seu Tiago. Pela primeira vez, em muitos anos, não sucumbiu à tristeza.

Refeito, tudo acertado, seguiu para tratar com o padre Estevão. Este o recebeu na sacristia, foi logo servindo um cálice de vinho da missa e falando enrolado, português misturado com língua estrangeira, que era como acontecia toda vez que se empolgava. O pai, que já se via mais leve, quase sai voando, não tinha costume com álcool, qualquer pouquinho o deixava zonzinho. Padre Estevão garantiu que ia, daí a três dias, batizar a menina, não ia antes porque tinha consulta com o oculista em Foz Grande, a vista estava ruim demais. “É, a gente vai se gastando mais rápido numas partes que em outras”. É.

Já pensando no batismo, em seu Tiago que vinha benzer tudo — menina, casa, as gentes — e na vizinhança, avisou que mataria o porco no dia seguinte, assim dava tempo de preparar tudo. Queria que a menina saísse para um mundo em festa, de risos e alegrias, sem a sombra da tristeza que os marcava, sem

o sobressalto com a morte que os acompanhava. A mãe se pôs quieta, não pode evitar de pensar que, mesmo na festa, a Desgraçada tomava parte. Tia Docinha só balançou a cabeça e a menina, com os olhos muito abertos, entendeu que a morte fazia parte da vida e essa foi a primeira verdade que nasceu em si.

“E como vai chamar, a menina?”

Até aquele momento, apesar da curiosidade, Dulce tinha evitado tocar no assunto, depois do dia em que perguntou, enquanto a menina recém-parida mamava, e a mãe, com os olhos assustadíssimos, destampou a chorar aos soluços. Desconhecido o nome, a Desgraçada não podia chamar, não chamando, a menina não ouviria, não ouvindo, não iria. Por sua vez, o pai, não querendo desagradar a mulher por nenhuma razão, e com um receio supersticioso, esperava sempre mais um dia, para ter certeza que a menina ficaria; gastara seu nome, o nome de seu pai, de sua mãe, até de tia Dulce, mas isso ela nunca saberia. Gastou-se o nome dos sogros. A menina não carregaria o nome de ninguém, era certo.

Naquela noite, a mãe dormiu um sono inquieto, cheio de sobressaltos, não tinha pesadelos, mas não tinha tranquilidade. O pai, um sono pétreo, curto e pesado, com um único sonho breve: estava em um vale com muito verde, ouvia o barulho de água correndo, um rio, era um lugar agradável, depois estava num amplo espaço aberto, sabia que estava perto do mar, nunca viu o mar, sentia as pedras sob os pés e um gosto salgado na boca. Onde estava?

Levantou a custo, atrás de um copo d'água. O sol não tinha nascido, mas o dia começava a clarear, tudo isso viu quando puxou o tamborete para a soleira da porta, agora aberta. A menina dormia serena no cesto, perto de tia Dulce, que res-

sonava na caminha estreita. Apoiada à mesa, a mulher virava a água da bilha no copo, pegou um pra si. “Eu sei o nome da menina”. “Pois vamos embora daqui”.

No dia combinado com padre Estevão, a chuva achou de cair com vontade, parecia querer lavar a vida de tanta mazela, de tanta insegurança e dor. Só parou pela hora do almoço, de modo que tudo atrasou. “É tudo no tempo de Deus, no tempo Dele, filha”. A mãe concordava com o padre que não usava batina, só o clérigima, enquanto lhe servia um café recém-coado e buscava uma toalha limpa para que se enxugasse. Quando veio para a igreja do lugarejo, o povo estranhou demais, falavam “o padre moderno” com certo deboche. Com o tempo foram se acostumando à sua fala engraçada, sua convicção torta, sua justiça reta. Logo pegou numa amizade forte com seu Tiago, Benzedor, que conheceu por ocasião de um cobreiro que remédio nenhum resolvia de vez. O benzimento de seu Tiago, mais a mistura que preparou pra passar, junto, é claro, com o comprimido que chegou da farmácia de manipulação lá de Foz Grande, mas isso não contou a ninguém, deram cabo daquele transtorno e fizeram mútua a admiração e o respeito. Se havia alguma cisma no povo ainda, com a proximidade dos dois, se encerrava de vez.

Seu Tiago, Benzedor, chegou depois, quando a chuva deu uma amainada. Estava tão molhado quanto o padre, a quem cumprimentou com contido e inseguro abraço, por falta de hábito, mas um aperto de mão firme e efusivo, donde ficava claro o tamanho da afeição. Secou-se na mesma toalha, porque “de jeito nenhum ia sujar outra, aquela estava boa demais” e tomou o café num gole grande. O pai, abismado com os dois homens santos em casa, piscava miúdo e, se não fosse tia Dulce, tinha

deixado queimar uma banda do porco que assava, no forno improvisado no quintal especialmente para a ocasião.

A menina, até então alheia a tudo, resolveu pôr marcha às coisas e abriu o berreiro com gosto, nunca tinha chorado assim! Foi um assombro, divertido para o padre, tranquilizador para o benzedor, ansioso para os pais e bem prático para tia Docinha, “a menina tem fome. E eu também.” Todos riram, uns nervosos, outros com gosto, outros aliviados. Enquanto a mãe acudia a criança, o pai se viu com a pergunta do padre, “e os padrinhos?” Dois pares de olhos acharam Dulce que, comovida, assentiu. O pai buscou seu Tiago, com tanto respeito que não conseguia levantar a cabeça, mal ergueu os olhos e deu com os do velho benzedor, sorrindo cheio de benevolência. Menina mamada e de olhos despertos, água benzida na bacia areada, padre de estola branca “eu te batizo...”, buscou os pais inquisitivo e, pela primeira, o nome da menina foi dito em voz alta, “Jônia”. “Eu te batizo Jônia, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.” E foi assim que a menina ganhou por padrinho um benzedor e por madrinha uma mulher que fizera a vida há uns tantos anos.

Enfim, a porta se abriu e, nos braços da mãe, a menina sentiu o ardido do sol sem nenhum anteparo. Quarenta e três dias depois que viu o mundo pela primeira vez, descobriu que ele era infinitamente maior do então alcance raso de seus olhos, circundados por paredes, circunscritos ao espaço limitado da casa. Depois da ofuscada inicial, seu olhar bebeu da claridade e seu ser, por inteiro, da clara verdade.

Aos quarenta e sete dias, depois de longa travessia de carroça, na qual iam a mãe e a canastra com seu enxoval; tia Docinha e as trouxas de roupa; o pai conduzindo o burro; as matulas, as moringas cheias d’água; a menina no cesto, com



a fita vermelha amarrado no pulso esquerdo, pelo padrinho, seu Tiago, Benezor, e o patuázinho feito por ele, preso com alfinete junto ao peito; mais uma enorme coragem, cheia de micro medos, o mundo se agigantava outra vez diante dos olhos antigos da pequena. A tapera, da qual só lembraria por memória alheia, demorou a virar casa, sua conhecida depois. Por muitas noites dormiram no improvisado, por receio de cair o teto e, quanto mais ao tempo se expunha a menina, mais se lhe expandia tudo, o olhar, os desejos, a alma.

Foram parar ali por opinião de tia Dulce. A mãe, decidida a partir “para qualquer lugar que não tivesse a mão da Desalmada”, tão logo acabou a festa do batizado, foi tratando de juntar as coisas que cabiam na carroça e eram importantes de levar, quase nada, na verdade. O pai, bastante cético no primeiro momento, ficou ligeiro quando viu o movimento e correu a se explicar com o patrão, que tudo compreendeu e em nada pode ajudar, mas aceitou os móveis como paga da dívida que o pai nem sabia que tinha. Tia Dulce ofereceu acanhada, por medo de recusa e não querer a fama de intrometida, um pedaço pequeno de terra que tinha e nunca mais voltara a pisar, desde que... Bom, a terra era seu presente para menina, se aceitassem, ficava contente em os acompanhar até lá. Ninguém nunca achou que tia Docinha iria embora um dia e, se nada falaram antes, foi por ter isso como certo, tão certo como o dia que segue a noite. Estavam gratos pelo presente e, sobretudo, pela presença. Todos comovidos, tudo bem encaminhado, saíram pela estrada ainda de madrugada, nessa hora que a noite não se foi de todo e o dia pede licença. A hora dos acontecimentos discretos e profundos. Calados, cada qual com seu pensamento e os olhos abertos da menina.

## *Livros iluminam*

---

Este livro foi composto em Minion Pro  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em junho de 2023.

---